

## Jornalismo transmídia: características e concepções<sup>1</sup>

Elaide MARTINS (UFPA)<sup>2</sup>

Mariana Castro (UFPA)<sup>3</sup>

Isabelle Fecury Vinagre(UFPA)<sup>4</sup>

**Resumo:** Este trabalho objetiva discutir e compreender as especificidades do chamado jornalismo transmídia, abordando suas vertentes no contexto da cultura da convergência. Ao olhar para as relações entre jornalismo e transmídia, busca-se apontar características que possam ajudar a elucidar o seu conceito. Assim, este trabalho ampara-se em pesquisadores que já usam o termo Jornalismo Transmídia, como Renó e Flores (2012), Alzamora e Tárzia (2012, 2013), Scolari (2013), Canavilhas (2013) e Martins (2015, 2016), dentre outros, e lança um olhar para o JR News (MARTINS; VINAGRE, 2016; VINAGRE, 2017), que se denomina o primeiro telejornal transmídia do Brasil. Adotando-se metodologia qualitativa, seus procedimentos incluem pesquisa bibliográfica, entrevista e observação direta e exploratória. Dentre os resultados, aponta-se que as características, processos e concepções do jornalismo transmídia podem ajudar a desvelar não apenas o sentido e aplicabilidade do termo, mas sua viabilidade para o jornalismo – inclusive para o jornalismo factual, desafiando as pesquisas que indicam apenas formatos não diários para sua utilização.

**Palavras-chave:** Jornalismo Transmídia. JR News. Cultura da Convergência.

---

<sup>1</sup> Artigo enviado na modalidade Interatividade, Novas Narrativas e Convergência.

<sup>2</sup> Graduada em Jornalismo; Mestre em Comunicação; Doutora em Ciências Ambientais; Pesquisadora da Universidade Federal do Pará. Coord. GP Interações e Tecnologias na Amazônia. elaide@ufpa.br

<sup>3</sup> Graduada em Jornalismo; Mestranda em Comunicação. Integrante GP Interações e Tecnologias na Amazônia (CNPq) na UFPA. E-mail: marianacocastro@gmail.com

<sup>4</sup> Graduada em Jornalismo; Ex-Bolsista PIBIC/UFPA. Integrante GP Interações e Tecnologias na Amazônia (CNPq) na UFPA. E-mail: isabellefecury@gmail.com

## Introdução

Nos últimos anos, a relação entre jornalismo e transmídia vem sendo objeto de estudo de muitas pesquisas e o termo jornalismo transmídia passou a ser adotado por alguns pesquisadores, como Carlos Pernisa Jr. (2010), Kevin Moloney (2011), Dênis Porto Renó e Miguel Flores (2012), Geane Alzamora e Lorena Tárzia (2012, 2013), Elaide Martins (2012, 2015), Carlos Alberto Scolari (2013), João Canavilhas (2013), João Carlos Massarolo (2015), dentre outros. A partir de um levantamento bibliográfico sobre as concepções que revestem esse termo, percebemos que, comumente, ele é usado para relacionar o jornalismo à narrativa transmídia e suas características e dinâmicas ajudam a elucidar a sua aplicabilidade e viabilidade para o jornalismo, ajudando-nos a compreender o seu conceito.

Para Renó e Flores (2012, p. 82), o jornalismo transmídia pode ser compreendido como uma forma de linguagem jornalística que contempla, concomitantemente, diferentes meios e recursos, sobretudo, os que possuem mobilidade: “son adoptados recursos audiovisuales, de comunicación móvil y de interactividad en la difusión del contenido, incluso a partir de la blogosfera y de las redes sociales, lo que amplía de forma considerable la circulación del contenido”.

Já Carlos Alberto Scolari (2013) acredita que um conteúdo jornalístico pode ser considerado transmídia quando há a possibilidade de unir plataformas diferentes para a construção de uma narrativa que tem por objetivo informar da melhor maneira possível o seu público. Este autor ampara-se em diversos outros para compreender o chamado jornalismo transmídia, encontrando em Moloney (2011 apud Scolari, 2013) seus princípios fundamentais. Tais princípios são inspirados nos conceitos-chave da narrativa transmídia sistematizados por Henry Jenkins (2009b) no campo da ficção/entretenimento – os quais foram adaptados e analisados pela perspectiva jornalística por Maurício Souza (2011) e Elaide Martins (2012, 2015a, 2015b), dentre outros.

Com base nos estudos de Jenkins, Scolari (2013) diz, ainda, que o jornalismo transmídia pode assumir formas distintas, como o *newsgame*, jornalismo imersivo e jornalismo cidadão, ressaltando a expansão da narrativa e participação do

público: “atualmente, não existem meios informativos, sejam eles escritos ou audiovisuais, que não convidem seus receptores a enviar informações, fotografias, vídeos ou textos que permitem que a divulgação de notícias seja expandida” (SCOLARI, 2013, p. 74, tradução nossa). Essa prática de interação com o público tem se tornado cada vez mais cotidiana e preenche um requisito da narrativa transmídia, que é a participação ativa do público.

Canavilhas (2013, p.13), por sua vez, ressalta a dificuldade em transpor o conceito transmídia para o campo do jornalismo não somente devido à “complexidade desta atividade profissional, mas também porque existem outros conceitos semelhantes”. Assim, ele adota o termo ‘narrativa transmedia jornalística’, defendendo que esta não se aplica a todos os gêneros jornalísticos. Concordando com Moloney (2011, p.12), que diz que “o jornalismo diário, com sua brevidade limitada no tempo, não é uma opção viável”<sup>5</sup>, uma vez que a transmídia, para ser efetiva, precisaria de planejamento a longo prazo, Canavilhas (2013, p.13) acredita que “os gêneros jornalísticos verdadeiramente adaptados à narrativa *transmedia* são os gêneros nativos do jornalismo na Web”. Como exemplo, ele cita “*newsgames* e infografias multimídia interativas, mas sobretudo a grande reportagem, um gênero transversal a todos os media”.

Para Geane Alzamora e Lorena Tárzia (2012), a narrativa transmídia no jornalismo deve ser compreendida como um modo inovador de produção e circulação de conteúdo informacional, capaz de unir gêneros e formatos através da transmissão e compartilhamento da informação. A visão das autoras nos remete à propagabilidade enquanto característica dessa modalidade jornalística. Além disso, esse modo inovador pode ser compreendido como uma estratégia, uma vez que Tárzia (2013, n.p.) concebe o jornalismo transmídia como “uma adequação da tática de utilizar estrategicamente várias plataformas para narrar uma notícia de forma complementar, com engajamento dos chamados *prosumidores*”.

Já Massarolo (2015) reforça a visão de Canavilhas (2013) e de Scolari (2013) sobre a projeção do jornalismo transmídia, entendendo que a prática do jornalismo diário,

---

<sup>5</sup> Nossa tradução para “the daily journalism, with its time-constrained brevity, is not a viable option”.

das notícias factuais, não é o melhor ambiente de desenvolvimento para se explorar as potencialidades transmídiaicas. Segundo ele, a produção de um conteúdo transmídia acontece de maneira mais eficiente e enriquecedora quando se trata de notícias frias, como reportagens especiais, por exemplo. Isso requer planejamento e faz da transmídia também uma estratégia, “uma estratégia que envolve performance, cultura participativa e inteligência coletiva (MARTINS, 2016, oral<sup>6</sup>).

Além de estratégia, apontamos outras vertentes que configuram o jornalismo transmídia e contribuem para elucidar o seu conceito, como narrativa, cuja essência é a natureza multiplataforma; o formato, que se ampara em potencialidades do jornalismo na internet, como multimídia, hipertextualidade e interatividade; a linguagem, que precisa considerar tais características, como os processos de remediação e convergência (BOLTER; GRUSIN, 1999; CANAVILHAS, 2012); os meios (audiovisuais) e recursos (móveis) (RENÓ; FLORES, 2012). Outra vertente associa a ideia de jornalismo transmídia a gênero, a exemplo do newsgame, jornalismo imersivo, jornalismo cidadão, infográficos e grande reportagem, como já citados. Podemos compreender, ainda, o jornalismo transmídia como um sistema de fluxo midiático marcado pelo avanço das tecnologias digitais, da convergência midiática e das conexões entre diversas plataformas, ou seja, um sistema inserido na cultura da convergência – a qual, para Jenkins (2009a), fundamenta-se no tripé conceitual: convergência midiática, inteligência coletiva e cultura participativa e tem como principal resultado a narrativa transmídia.

Apesar de aqueles gêneros serem mais elaborados, observamos a aplicação do jornalismo transmídia em produtos diários, os quais buscam incorporar elementos transmídiaicos e até mesmo se denominam transmídia, a exemplo do Jornal da Record News (MARTINS; VINAGRE, 2016; VINAGRE, 2017). Esse esforço implica um debate sobre as possibilidades ofertadas a partir de tal estratégia, visto a seguir.

### **Usos e formatos para o jornalismo transmídia**

---

<sup>6</sup> As informações orais são provenientes das reuniões do grupo de estudos do projeto de pesquisa ‘Jornalismo Transmídia’ (PPGCom-UFPA).

Diversas são as discussões sobre as possíveis utilizações do jornalismo transmídia e a complexidade de produção desse modelo em um campo marcado pela necessidade de noticiar com rapidez. Ainda que muito se discuta em relação ao seu conceito, os seus usos são também fruto de experiências que nem sempre são diretamente vinculadas às suas definições.

O difícil, ainda, é visualizar este jornalismo transmidiático na prática, já que o que se vê, na maioria das vezes, são os modelos de veículos analógicos sendo transplantados para o meio digital. Isso não facilita em nada a missão de se buscar um jornalismo que transponha os limites de um veículo para se fazer presente em vários deles, com conteúdos complementares (PERNISA JR, 2010, p.4).

Talita Diniz (2011) relata algumas das possibilidades apontadas por Mauricio Mota, roteirista da empresa *The Alchemists*, que desenvolve produtos transmidiáticos, em relação ao jornalismo transmídia durante seminário em 2010. Na ocasião, ele ressaltou que o jornalismo oferece um grande potencial para a transmidialidade por já possuir um público consolidado, ter grande capacidade de distribuição e por se consumido 24h por dia.

Por sua vez, Pernisa Jr (2010) sugere um modelo de mônadas abertas como uma estrutura que permite, dentre outros formatos de webjornalismo, a construção de narrativas transmídia no jornalismo. Esse modelo, segundo o autor, consiste em uma grande estrutura, formada por diversas matérias, as quais se conectam entre si por meio de *links*. Cabe reforçar aqui que ele relaciona tal formato às práticas do webjornalismo, pois acredita que esse ambiente ofereça potencial para navegar em tais estruturas.

Alzamora e Tércia (2012a, 2012b) partiram de um princípio semelhante, apontando a dificuldade em encontrar produtos jornalísticos que reunissem todas as especificidades do jornalismo transmídia. A intrincada quantidade de elementos a serem considerados para a sua produção exigiria, portanto, um extenso planejamento prévio, a fim de compreender como se dariam os processos de distribuição de conteúdo.

Nessa perspectiva, nem toda informação jornalística dispersa em rede poderia, a rigor, ser considerada uma narrativa jornalística transmidiática. Tratar-se-ia, na verdade, de um tipo raro de narrativa jornalística, pois implicaria a emergência de padrões jornalísticos ainda não suficientemente sistematizados (ALZAMORA; TÁRCIA, 2012b, p.28).

Nesse sentido, alguns gêneros jornalísticos vêm sendo percebidos como potencialmente transmidiáticos, a exemplo da grande reportagem na web. Neste caso, Pernisa Júnior (2010) associa seu potencial à liberdade para publicação, se comparado à TV, rádio e outros meios. Esse gênero exige planejamento, não só pelo extenso trabalho de pesquisa, mas também pela preocupação com a apresentação de sua narrativa. É importante destacar, ainda, a questão dos elementos interativos no jornalismo transmídia, os quais, em geral, exigem maior tempo de planejamento, sobretudo se pensarmos em recursos como a imersão.

Para Canavilhas (2013), a interatividade, hipertextualidade, multimedialidade integrada e contextualização são características fundamentais do jornalismo transmídia. Estas são facilmente observadas em grandes reportagens multimídia e em outros formatos sofisticados. Porém, há produtos que promovem a ideia de um jornalismo transmídia diário, como o Jornal da Record News, auto-intitulado o primeiro telejornal transmídia do Brasil. Este telejornal é produzido pela emissora Record e transmitido pela televisão, pelo seu site (hospedado no portal R7), pelo Youtube, Facebook e Twitter. A afirmação da presença de jornalismo transmídia nas estratégias utilizadas pelo programa, no entanto, exige um olhar mais atento sobre suas narrativas, processos e dinâmicas.

### **JR News: narrativa expandida e participação ativa do usuário**

Lançado no Brasil em 2011, o JR News é apresentado pelo jornalista Heródoto Barbeiro e exibido de 2ª a 6ª-feira às 21h. É o principal telejornal do canal de notícias de televisão Record News, pertencente ao Grupo Record. Pode ser sintonizado por TV aberta via UHF ou TV fechada, mas é na internet, em seu site no portal R7, que destaca a sua, até então, maior característica transmidiática: uma narrativa expandida, construída exclusivamente para o internauta.

Esse conteúdo diferenciado acontece no intervalo do jornal na televisão, com cerca de dois minutos. Nesse momento, Barbeiro realiza algumas atividades que ele faz questão de ressaltar que são para o internauta, como conduzir breves entrevistas com alguém que pode ter participado de alguma matéria do telejornal, lê mensagens dos internautas e incentiva a participação do público por meio de críticas, sugestões e envio de conteúdo. Em entrevista concedida a Vinagre (2017), ele identifica o que mobilizou a equipe do JR News a produzir essa versão diferenciada:

Resolvemos mudar, procurar outros caminhos e usar todas as plataformas possíveis, novas e tradicionais. A moçada da redação se adaptou rapidamente e na verdade são os motores das mudanças no JR News. Meu conhecimento é mais teórico, o deles é prático, daí juntamos os dois (BARBEIRO, 2017, por e-mail<sup>7</sup>)

Apesar disso, encontrarmos poucas pesquisas sobre o JR News enquanto jornal transmídia, mas ele nos chama atenção, sobretudo, porque contraria os que apostam em produtos mais elaborados e não diários para aplicar a transmidialidade no jornalismo. Além disso, esse telejornal possui alguns diferenciais que merecem ser destacada.

O primeiro é a linguagem, mais subjetiva e informal e pode ser percebida na postura do próprio apresentador, que em diversas vezes tece críticas irônicas em relação a determinadas notícias. “A seriedade abre espaço para o humor e para a leveza nas conversas entre os participantes no estúdio. O próprio Heródoto justifica essa aposta: *Não sei quem foi que inventou que cara séria e sisuda é sinônimo de credibilidade*” .(MAURÍCIO, 2011, p.1). O segundo é o próprio formato do JR News, que se abstrai do padrão apresentador (a) seguido de matéria (que geralmente obedece ao engessado modelo ‘off-passage-entrevista’) e passa a dar mais espaço para as notícias, aos comentários do apresentador e entrevistas com especialistas, uma estratégia que promove “uma reflexão e crítica dos fatos do cotidiano”.( MAURÍCIO, 2011, p.1).

Outro diferencial diz respeito ao uso que o JR News faz das redes sociais, seja para exibir conteúdo do programa ou dos bastidores, como as reuniões de pauta, abertas

---

<sup>7</sup> Questionamentos respondidos à jornalista Isabelle Vinagre em 18.03.2017.

ao público e transmitidas ao vivo pelo Live, recurso de *streaming* do Facebook. Na entrevista, Barbeiro (2017) comentou que as redes sociais Twitter e Facebook são “opções de chegar até o público em todas as plataformas possíveis”, cuja usabilidade pode ser intensificada. Para ele, neste momento, “não há alternativa”, senão estar presente nelas.

### **A necessidade de estar conectado**

As redes sociais digitais têm uma importância muito grande para o JR News, haja vista a extensão de seu conteúdo para as plataformas e a possibilidade de ampliar as conexões e a difusão das informações. Além disso, essas redes, inegavelmente, assumem um papel fundamental para um produto transmidiático: o de proporcionar a participação das pessoas na produção de conteúdo online.

Rede social é gente, é interação, é troca social. É um grupo de pessoas, compreendido através de uma metáfora de estrutura, a estrutura de rede. Os nós da rede representam cada indivíduo e suas conexões, os laços sociais que compõem os grupos. (RECUERO, 2009, p.25).

Como já dissemos, além de possuir um site no portal R7, o JR News utiliza aplicativos, como o WhatsApp, e as redes sociais como instrumento de propagação de conteúdo e de incentivo à participação do público. No entanto, usa, ainda, cibermeios do próprio apresentador, como o Blog do Barbeiro e seus perfis no Facebook e Twitter. Nestas páginas, o telejornal costuma antecipar algum conteúdo do telejornal, mas divulga, sobretudo, conteúdo de bastidores do programa. É na página do Facebook do Barbeiro, por exemplo, que são transmitidas as reuniões de pauta do JR News.

As postagens das reuniões de pauta foram iniciadas em 29 de junho de 2016, mas suas transmissões não têm dias definidos. Em nosso levantamento feito até o final de dezembro de 2016, foram realizadas 79 transmissões ao vivo. Neste universo, houve 35 curtidas, 20 comentários e 350 visualizações. Os usuários que costumam participar deixaram seus comentários em mais de uma transmissão, mostrando certa fidelidade como audiência. O conteúdo desses comentários varia bastante, incluindo



desde sugestões de temas a reações sobre assuntos discutidos nas reuniões, como também elogios do tipo “adoro sua página”.

É válido ressaltar que, antes do Facebook disponibilizar o *Live*, a equipe do JR News já postava vídeos, a fim de incentivar a interação do público. Essas postagens iniciaram no dia 12 de maio de 2014 e, até hoje, são mais frequentes do que as transmissões ao vivo.

Ademais, é interessante observar que a transmissão das reuniões de pauta, ao vivo, permite que os internautas contribuam com a produção de conteúdo do telejornal. No perfil do apresentador no Facebook, por exemplo, os comentários são abertos ao público e debatidos pela equipe durante essa reunião. É uma forma de reforçar a participação do internauta, permitindo-lhe certo empoderamento na produção do telejornal, mesmo que limitado. Segundo Barbeiro (2017), com essa iniciativa, “houve uma maior interferência do público no conteúdo e a equipe ficou conhecida do público”.

### **Jornalismo diário e transmídia**

Apesar do entendimento consensual dos pesquisadores, inclusive nosso, de que as grandes reportagens configuram o ambiente ideal para o jornalismo transmídia, não podemos deixar de reconhecer a sua aplicabilidade no jornalismo diário e factual, conforme nos mostra o JR News. Muitas características transmídiaicas foram identificadas neste produto. Entretanto, percebemos que não é exatamente nas matérias que está a sua transmidialidade, mas na sua estrutura em si. O seu formato favorece uma narrativa expandida, cuja conexão com os cibermeios permite essa expansão, a propagabilidade de conteúdo (JENKINS, FORD; GREEN, 2014) e a continuidade das narrativas em suportes distintos. Tais características favorecem a construção de universo e, assim como esta, constituem estratégias transmídiaicas.

Outra característica importante é a interatividade, favorecida pelo formato do telejornal e, sobretudo, pelas redes sociais. “Estão abertos o WhatsApp, Facebook, Twitter, Google + R7 e email. Não se publica mais nada impunemente com as mídias sociais” (BARBEIRO, 2017, e-mail). Além disso, as reuniões de pauta são um

diferencial substancial, que incentivam a participação do usuário. Quanto às vantagens, segundo Barbeiro (2017), é que “no quesito produção, há uma coleção maior de pautas e ideias enviadas via web. Na produção, o público fiscaliza a isenção, cobra o outro lado, corrige os erros etc.” Dessa forma, fica evidente a tendência da participação cada vez mais ativa do usuário na produção de informação relevante para o jornalismo no dia a dia.

### **Considerações finais**

Com base em nossa análise e nas concepções dos autores aqui apresentados, podemos indicar como especificidades do jornalismo transmídia: formato multiplataforma, narrativa expandida como forma de aprofundar o conteúdo, participação ativa do usuário, propagabilidade de conteúdo e engajamento do público.

Ao ser definido enquanto estratégia, deve-se planejar o uso de seus recursos e lembrar que esta resulta em um formato que prevê o uso de múltiplas plataformas e de canais de propagação, incentivando o engajamento do usuário. Além disso, favorece uma linguagem convergente e, ao mesmo tempo, subjetiva e plural, considerando-se que incentiva a participação do público, que critica, elogia e mixa o conteúdo.

Percebemos, ainda, que o convite à participação do público é muito presente no JR News, que costuma dar *feedback*, seja nas redes ou na televisão. Além disso, o espaço para comentários é uma estratégia que motiva o debate e a performance do usuário, incentivando a sua interação. O seu conteúdo multiplataforma possibilita o fluxo da narrativa. No entanto, a transmidialidade está mais presente na estrutura do telejornal e em alguns conteúdos, como na fala do apresentador, mas a apropriação da transmídia no JR News ainda é limitada, indicando as dificuldades para se fazer presente no jornalismo diário. A efetivação de contas em outras plataformas que permitam o acompanhamento do telejornal (como o Youtube, adotado

recentemente) ou de notícias fragmentadas, como *podcasts*, constituem alternativas para potencializar uma produção transmídia.

Assim, acreditamos que o jornalismo diário precisa inovar diante dos aspectos da cultura da convergência. Se a importância da narrativa transmídia é reconhecida nesse contexto e as mudanças no fazer e no cotidiano do profissional acontecem, conforme mostra Martins (2012) por que insistir, no caso de muitos telejornais, em um modelo engessado? Questionamentos como esse corroboram que as práticas jornalísticas estão sofrendo modificações dia após dia, que a cultura da convergência está cada vez mais inserida nos diversos campos do conhecimento e que o jornalismo começa a reconhecer a importância das narrativas transmídia para a sua própria renovação.

## REFERÊNCIAS

ALZAMORA, Geane; TÁRCIA, Lorena. Convergência e transmídia: galáxias semânticas e narrativas emergentes em jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, vol. 8, n.1, 2012a. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/401>> Acesso em: 20 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. A narrativa jornalística transmidiática: considerações sobre o prefixo trans. In: LONGUI, Raquel; D'ANDREA, Carlos (Orgs.). **Jornalismo convergente: reflexões apropriações, experiências**. Florianópolis: Insular, 2012b.

CANAVILHAS, João. Jornalismo Transmídia: um desafio ao velho ecossistema midiático. In: Renó, D.; Campalans, C.; Ruiz, S.; Gosciola, V. (Orgs.). **Periodismo Transmedia: miradas múltiples**, pp. 53-68, Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, 2013.

DINIZ, Talita R. (In)conclusões sobre a narrativa transmídia no jornalismo: sobre o que pode ser e o que se deseja. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, XIII, 2011, Maceió-AL. **Anais...** Maceió-AL, Intercom, 15 a 17 jun. 2011. Disponível em: <<http://intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/resumos/R28-0833-1.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2014.

JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. Trad. Susana Alexandria. 2a ed. São Paulo: Aleph, 2009(a).

JENKINS, Henry. Revenge of the Oragami Unicorn: Seven Core Concepts of Transmedia Storytelling. **Confessions of an Aca**, 2009b. Disponível em: [henryjenkins.org/2009/12/the\\_revenge\\_of\\_the\\_origami\\_uni.html](http://henryjenkins.org/2009/12/the_revenge_of_the_origami_uni.html).

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da Conexão: Criando Valor e Significado por meio da Mídia Propagável**. São Paulo: Aleph, 2014..

MARTINS, Elaide. Telejornalismo na era digital: aspectos da narrativa transmídia na televisão de papel. **Brazilian Journalism Research**, SBPJor, v. 8, n. 2, 2012

MARTINS, Elaide. **Narrativa transmídia no jornalismo amapaense**: percepções e apropriações. In: SARDINHA, Antonio; MARTINS, Elaide (Org.) Interfaces Midiáticas na Amazônia – pesquisas, saberes e vivências. Rio de Janeiro: Autografia / EdUNIFAP, 2015a. P. 156-179

MARTINS, Elaide. Convergência e Narrativa Transmídia no Jornalismo: transformações nas práticas e no perfil dos profissionais. **Brazilian Journalism Research**. SBPJor, v.11, n. 2, 2015b, p. 184-203

MARTINS, Elaide; VINAGRE, Isabelle. Entre o portal e o telejornal: aspectos da narrativa transmídia no jornalismo do grupo Record. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIBERJORNALISMO, VII, 2016, Campo Grande-MS. **Anais...** Campo Grande-MS, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 3 a 5 nov. 2016.

RECUERO, R. (2009). **Redes sociais na Internet**. Sulina: Porto Alegre.

RENÓ, Denis; FLORES, Jesús M. **Periodismo Transmedia**. Madri: Editorial Fangua, 2012.

SCOLARI, Carlos A. **Narrativas transmedia**: cuando todos los medios cuentan Barcelona: Deusto, 2012, 342 p. ISBN 978-84-234-1336-2.

TÁRCIA, Lorena. O jornalismo transmídia em versão original. **Observatório da Imprensa**, ed. 735, 26 fev. 2013. Acesso em: 30 set. 2013.

VINAGRE, Isabelle. **A narrativa transmídia no jornalismo: os conceitos-chave e a produção de conteúdo transmidiático pelo Jornal da Record News**. Monografia (Conclusão de Curso em Comunicação). Universidade Federal do Pará. Belém-PA, 2017.